

## JORGE HAJIME OSEKI

---



Diego Bis

334

pós-

## PRESENÇA NA AUSÊNCIA

Difícil expressar qualquer opinião sobre o Jorge enquanto ainda não compreendemos sua ausência.

Esse grupo que, entre outros, participou, por vários anos, das leituras de *O capital* e de *A produção do espaço*, passou os últimos tempos muito próximo a ele; encontrávamo-nos com freqüência. Éramos uma unidade em torno de sua figura. Portanto, a ausência desse querido professor e amigo ainda está por ser sentida completamente, será vivida por cada um de nós nos rumos que tomarmos, nos novos caminhos e descaminhos, agora sem suas pertinências e impertinências.

“Gregários”, “promíscuos”, eram palavras constantes para definir os grupos dos quais Jorge fazia parte. Porque sob sua batuta, amizade, desavenças, provocações, reflexões, pensamentos e estudos eram atividades emaranhadas, fazíamos tudo ao mesmo tempo, sem perder a qualidade de nada.

A presença de Jorge não era qualquer coisa; pessoa de gestos, invadia todos os poros. A princípio indecifrável, com um modo ligeiro de falar, pensar e movimentar-se, Jorge atraía por sua criatividade, alegria, humor, somados a uma inteligência e generosidade impressionantes. Com o tempo, conviver com ele significava estarmos a todo momento sendo provocados, e, nessa relação, tudo se tornava descoberta, algo novo, instigante e incômodo, que fazia pensar – ainda que o assunto fosse deveras conhecido ou aparentemente banal.

Ele nos fazia olhar para outros pontos de vista, para além daqueles a que já estávamos predispostos. No grupo de estudos, mostrava-nos que o método de Lefebvre poderia ser uma lente para enxergar o mundo, fazendo-nos refletir sobre a produção do espaço, realizando a crítica radical, sem deixar escapar o “possível”.

Em Marx, importava-se, sobretudo, com a dialética, as contradições, que ampliavam as possibilidades e as dificuldades na compreensão da realidade. Era a partir da realidade vivida que propunha repensar a prática do arquiteto na produção do espaço, no capitalismo. O convite à reflexão vinha por inteiro, instigando a superação de idéias preconcebidas, interpretações endurecidas ou práticas prescritas.

Nas discussões sobre as experiências práticas e objetos empíricos de seus alunos, apontava a necessidade de identificar contradições, recuperar potências críticas, criativas e transformadoras, e fazer com que estivessem presentes e visíveis nas produções futuras – acadêmicas, profissionais ou militantes. Teoria e prática eram mutuamente valorizadas.

(1) Entrevista com Jorge Hajime Oseki, publicada na revista *Caramelo 10*, produzida por estudantes da FAUUSP em 1998, p. 176 a 183.

Era o melhor dos críticos sem assumir a função de crítico. Porque Jorge, antes de mais nada, ajudava a caminhar. Promovia espaços onde nossas dúvidas e inquietações encontravam eco. Implacável, nada lhe escapava ao apontar as deficiências dos trabalhos, nem mesmo as virtudes, às vezes não-percebidas pelos próprios autores. O primeiro a dizer como éramos pretensiosos: “*Esses alunos até que são inteligentes, mas são tão ingênuos.*”, “*Foi, voltou, subiu, desceu, acha que pode muito.*” Mas nem por isso nos descartava como interlocutores de fato. Estava lá, firme, participando de orientações, bancas, fazendo-nos conversar com outros que poderiam suprir nossas lacunas de conhecimento (inclusive as dele), orientando grupos de leitura da pós-graduação, da graduação e de “desgarrados”.

Despido de preconceitos, despreocupado em garantir títulos ou acumular pontuações, Jorge se dedicava intensamente ao diálogo com estudantes, colegas e funcionários. Procurava lançar uma provocação criativa que agregasse, estabelecesse vínculos, pontes: na sala de aula, nas assembléias, debates, praças, parques, canteiros de obra, cafés e festas. Sem deixar de lado o rigor que a teoria exige, sua presença tornava os debates estimulantes e prazerosos.

Jorge dirigiu sua vida a formar-se e atuar, da melhor forma possível, como professor da FAU.

Como professor-pesquisador, via a possibilidade de unir atuação profissional e política. Preocupava-se com a tendência em enquadrar a arquitetura apenas como parte das ciências aplicadas, fazendo a crítica da primazia da prática em detrimento da teoria entre os arquitetos. Argumentava que uma poderia “iluminar” a outra, reciprocamente. Ao mesmo tempo, apontava a necessidade de superar “(...) *um referencial teórico restrito e obsoleto, que não dá conta das novas contradições em perspectiva: estado e autogestão, cidadania e cotidianidade, globalização e centralidades periféricas, paisagem e alienação ambiental, entre outras*”<sup>1</sup>. Assim, mostrava como, historicamente, obras fundantes de arquitetura vinham acompanhadas de reflexão, sendo desejável uma aproximação “politizante” da arquitetura com as ciências humanas na universidade, tendo como centro os problemas sociais do país. Partindo daí, seu empenho na defesa da universidade pública permeava sua atuação, no Sindicato dos Professores da



Francisco Barros



Tais Tsukumo

USP, com sua presença constante em mobilizações, greves, em sala de aula ou atividades organizadas por diferentes coletivos de estudantes.

Sua intenção era encontrar e trabalhar um referencial teórico que pudesse orientar seus alunos. Podemos ver isso em seus trabalhos, entre outros, sua dissertação de mestrado *Arquitetura em construção*, na qual elabora um quadro teórico para interpretar a prática da produção de arquitetura. Todo o seu percurso adquiria maior sentido na sala de aula, em seu empenho junto dos estudantes. Coisa rara, dedicava-se muito aos alunos da graduação.

Jorge deixa uma obra diferenciada. Pouco visível, dificilmente quantificável, repleta de qualidade, é inovadora e ainda um começo. A que nos referimos? Ao fato de teorizar sobre a prática da arquitetura e do urbanismo ser uma questão complexa: a cidade, lugar preferencial dessas práticas, é, nada mais nada menos que uma projeção da sociedade no espaço. Pensar esse objeto, o espaço, requer juntar o mundo físico, o social e a relação desses com o conhecimento e a produção de um espaço possível. E, pior, o físico, o social, o mental vêm sendo sistematicamente separados pelas ciências parcelares, pelo saber, e, o possível, submetido à objetividade da política. Reinventar a filosofia, uni-los, é o que nos propõe Lefebvre. A proposta de Jorge é destrinchar essas questões no âmbito da formação do arquiteto, ligadas ao conhecimento crítico das atuações profissionais e ao campo das idéias da arquitetura e do urbanismo. Não é nada pouco, nem é, sequer, tarefa para uma pessoa, ou mesmo um grupo. A grande obra do Jorge foi abrir enormes, importantes caminhos.

O que permanece como ensinamento para a vida transcende qualquer esfera institucional, qualquer forma de expressão, mas se fará presente na produção individual e coletiva, acadêmica e profissional de muitos que o tiveram como professor, amigo, colega.

**Obs.:**

Este texto pretende expressar o grupo de estudos, coordenado pelo Prof. Dr. Jorge Oseki e pela Profa. Dra. Ângela Rocha, composto por diversos estudantes que se reuniram para prestar esta homenagem.



Roberta Rodrigues



Beatriz Tone

## JORGE, PROFESSOR DE TODOS NÓS

*“As condições de superação do momento atual já estão dadas, é preciso apenas treinar os olhos para vê-las.” Jorge Oseki<sup>2</sup>*

Para falar de si mesmo e de seu lugar no mundo, Jorge, freqüentemente, definia-se como um “professor profissional”. Não um profissionalismo que se justifica apenas pelo compromisso com o rendimento de seu trabalho, mas entendido como uma forma de *engajamento*, tal como descreveu Paulo Freire: “Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, sou professor contra a ordem capitalista vigente, sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo, sou professor contra o desengano, sou professor a favor da boniteza de minha própria prática.”<sup>3</sup>

Na realização de sua “profissão”, nunca sucumbiu às tentações do carreirismo acadêmico, primou pela ética, discrição e seriedade intelectual. A política permeava tudo o que fazia: de seus métodos pedagógicos e conteúdos radicais à militância pela universidade pública e na organização sindical dos professores da Universidade de São Paulo. Jorge era, ao mesmo tempo, um defensor convicto da universidade e seu crítico atento. Com a percepção aguçada pelo olhar desconfiado com tudo o que parecia estar “no lugar”, via nela tanto a potência emancipadora do conhecimento coletivo quanto um espaço privilegiado para a reprodução ideológica das classes dominantes.

Para Jorge, a superação dessa contradição só se realizaria, justamente, com a efetiva restituição da política na universidade, ou seja, na prevalência de seu sentido público e social em oposição aos negócios privados do saber e suas especialidades. Isso significava formar não “para o mercado”, mas para subjugar este aos interesses da coletividade; não para espoliar e acumular, mas para saber enfrentar as enormes desigualdades e deficiências estruturais do país. No caso do arquiteto e urbanista, um profissional, como defendeu certa vez, que entenda de “*mosquito, de rato, de contenção de encostas, de reagenciamento de espaços, de enchentes e também de identidade visual para uma população favelada*”<sup>4</sup>. Assim, a universidade deveria ensinar um “saber atuar” que integraria os vários saberes fragmentados – saberes parcelares, como preferia precisar –, único meio para transformar o cotidiano vivido pelas maiorias. E não se tratava de formar unicamente um prático ou voluntarista, mas de formar um profissional segundo a melhor tradição crítica, para ser capaz de atuar não apenas como agente reparador, mas como sujeito mobilizador e transformador. Para isso, só uma teoria radical permitiria conceber a ação prática no sentido forte de *praxis*. Nesses termos, Jorge se dedicou a ensinar às novas gerações de forma crítica, bem-humorada e propositiva, a fazer-nos “ver” e “fazer”.

Olhando para o Brasil e para o mundo contemporâneo, o marxismo de Jorge sempre admitiu temperos de antiestatismo e antieconomicismo, sobretudo por influência de Henri Lefebvre e dos sentimentos de autonomia e liberdade que soube preservar dos anos 60 e 70. Isso lhe permitiu procurar, de forma não-dogmática, respostas a algumas lacunas da teoria marxista tradicional, em temas como o espaço, o Estado, a ecologia, a autogestão e o corpo, sempre em perspectiva socialista, seja no estudo da construção civil, das grandes infra-estruturas, dos rios urbanos, dos canteiros de obras dos movimentos populares, seja, mais recentemente, na pesquisa iniciada sobre os ritmos do corpo, no que teriam de

(2) Entrevista de 1998 à revista *Caramelo*, n. 10.

(3) Em *Pedagogia da autonomia*, 1996.

(4) Em revista *Caramelo*, n. 10, p. 182.

irredutíveis à lógica do capital. Embora sensível a outras áreas de conhecimento e a uma gama variada de objetos, Jorge insistia, com veemência, que a arquitetura e a cidade possuem questões específicas que devem ser tratadas a partir de uma teoria crítica própria – inclusive para questionar o caráter ideológico das abordagens convencionais, em geral, descritivas, normativas e apologéticas.

Jorge viu, nas assessorias técnicas aos movimentos populares, um exemplo do que poderia ser esse “saber atuar” militante e transdisciplinar. Provavelmente, viu nelas mais do que, de fato, eram e, sabendo disso, transformou-se em importante incentivador e interlocutor desses grupos e suas práticas. Para nós, da Usina, ele foi o professor com quem mantivemos um diálogo permanente, em pesquisas, debates, orientações, visitas a canteiros, aulas, festas. Interpretou, questionou e defendeu nossa prática, sem nunca recuar o risco de giz do rigor crítico. Como aliado de primeira hora e sabedor do que estava em jogo, Jorge foi sempre um grande mentor e guia. Vislumbrou, nos canteiros dos movimentos populares dos quais participávamos, um tipo de felicidade que, como chegou a dizer, nunca vira noutra unidade de produção. *“Pois o canteiro é o contrário, é tipicamente o lugar de exploração na forma mais vil, é força bruta”*; por isso, *“esses momentos virtuosos são pequenos, mas são fundantes. E eles se opõem diretamente às empreiteiras (...). De repente surge o que Henri Lefebvre chama, afinal de contas, de nichos de contrapoder, que são interessantes de serem vistos.”*<sup>5</sup>

O estímulo recebido do Jorge para esse tipo de experiência não ia, obviamente, no sentido de fazer-nos cegar para os paradoxos e dificuldades que enfrentávamos e enfrentamos. Ao contrário, impulsionava-nos ainda mais para testarmos até que ponto, de fato, estamos próximos – ou distantes – dessa (ante)visão. Ele sabia que exagerava no que estava dizendo, mas porque queria sempre mais de nós (mais teoria, mais prática, mais ousadia) enquanto indicava o horizonte político que não deveríamos perder de vista. Instigava-nos para não sucumbirmos ao conformismo e à acomodação. Não sossegou enquanto não demos conta de um mínimo de reflexão para o redemoinho em que estávamos – e ainda estamos – metidos até o pescoço: em seus termos, só assim exerceríamos uma verdadeira *praxis* transformadora.

Jorge foi um revolucionário que nunca perdeu a ternura. Bem-humorado, bom anfitrião, cozinheiro de mão cheia, pianista, nadador, sempre elegante, carinhoso e provocativo. Ensinou a viver, ensinou a estudar, ensinou a lutar. Esperamos ser fiéis aos seus ensinamentos e ter sua coragem de não desistir nunca. Salve (professor) Jorge!

### João Marcos Lopes, Wagner Germano e Pedro Arantes<sup>6</sup>

(5) Em “O vício da virtude”, revista *Novos Estudos Cebap*, n. 74, p. 80-81.

(6) João Marcos Lopes é arquiteto e professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP e fundador e coordenador da Usina entre 1990 e 2006, da qual ainda é associado. Wagner Germano é arquiteto, também fundador da Usina e seu associado entre 1990 e 2001. Pedro Arantes é integrante da Usina desde 1999 e coordena a entidade desde 2006, foi orientando de TGI e doutorado de Jorge Oseki.



Tais Tsukumo



Roberta Rodrigues

## RECORDANDO JORGE HAJIME OSEKI

Razões existem, e até de sobra, para homenagear e recordar nosso amigo e irmão. Seus atributos e traços mais salientes ficarão para sempre em cada um de nós. Mas, como não há ciência do individual, porque a singularidade não se deixa sistematizar livremente, é necessário recolher da pessoa política, social e, sobretudo, humana que ele foi, concepções e práticas que o fizeram tal como era. Seus largos gestos e rápidos passos seguiam o movimento rítmico de uma inteligência brilhante, que sabia cultivar os ditames da razão sem deixar-se sucumbir às emoções. Por isso, tão afeito era à solidariedade, hoje declinante, e manifestamente amoroso.

Mas era também lento. Era lento nos almoços regados a boa conversa; momentos que se tornavam necessários para o desfrute da presença e do prazer de estar juntos.

Jorge possuía um senso estético despojado, cultivado desde sempre, já por influência da mãe, dona Celina. Assim, sua preocupação com o belo se manifestava nas mínimas coisas: desde o cuidado na elaboração dos jantares oferecidos aos amigos, e na delicadeza com a qual escolhia os presentes ofertados a eles, até o modo como abordava, em suas aulas e publicações, as questões sociais, intelectuais e teóricas que o inquietavam. Seu refinamento emoldurava a presença vistosa e marcante, a anunciar a densidade de seu caráter e sua inteligência.

Com elegância e discrição, ironia fina, sabia chegar ao âmago das coisas, atributo de quem percebe o outro com muita sensibilidade e cuidado, o que não lhe retirava a característica de mordaz.

Jorge era a expressão de um modo de ser preñado de liberdade, em todos os momentos de sua vivência, dos relacionamentos pessoais ao trato profissional. O sentido íntimo de sua prática, nessa medida, era sua potente crítica social. Não era um homem atado aos limites sociais formais de sua época e, desse modo, expunha-os radicalmente.

Não havia uma fronteira rígida entre o vivido pessoal e sua prática intelectual. Como homem inteiro, fazia da arquitetura e do urbanismo um acesso ao possível, praticamente obcecado e seduzido pela virtualidade da produção de um espaço diferencial, negação do espaço abstrato, irrisoriamente real e solo, intermediário e propulsor da reprodução e das crises da sociedade mercantil contemporânea. O acento propositivo da arquitetura e do urbanismo jamais foi por ele exercido sem o fundamento de uma teoria social crítica.

Com tantos parceiros, colegas e alunos, comprometidos com os mutirões populares, com a produção social do espaço, atuando em frentes negadoras das formas de sujeição mercantis do tratamento do hábitat, em mais de uma escala de conscientização da alienação espacial, Jorge pôde elevar tais práticas ao nível da teoria e do conceito e, nesse sentido, o encontro com a obra de Henri Lefebvre foi fundamental, inclusive a parceria com os lefebvrianos de *La somme et le reste*.

**Amigos do grupo de estudos do Lefebvre**

## DONQUIVIM, ONCOTÔ, ONCOVÔ

A pilha de livros já estava preparada ao lado da escrivaninha para acompanhá-lo por veredas pouco exploradas: o Jorge gostava de ser, de estar livre e à frente. A pressão, tanto externa como interna para realizar a livre-docência, aumentava, e seu novo objeto de trabalho surpreendeu a todos: *o corpo* – a adaptação do corpo ao espaço urbano, e à sua regulação. Da *construção ao corpo* foi um longo trajeto.

Jorge, como ele mesmo dizia, professor pesquisador, em seu mestrado *Arquitetura em construção*, começou a esboçar uma linha de trabalho que, de fato, jamais abandonaria: a construção civil, contextualizada como um setor da economia e da política de desenvolvimento de um país, e a arquitetura, ambas vistas como produtos de um processo de trabalho e investigadas em suas formas de produção e apropriação, de forma cada vez mais elaborada. Na mesma linha passa a trabalhar com as “redes” de serviços urbanos, e seguindo os “times” nos canteiros que as construíam, viria a realizar sua tese de doutorado – *Pensar e viver a construção das cidades: Canteiros e desenhos de pavimentação, drenagem de águas pluviais e redes de esgoto em São Paulo*.

O contato com as novas formas de tratamento e processos de renaturalização de rios no Japão, propiciado por uma bolsa no Ministério da Construção japonês, revolucionou sua percepção sobre a relação rio/cidade. Os anos de seminário sobre Lefebvre na História e Geografia ocasionaram, por sua vez, uma revolução em sua jornada intelectual, uma e outra refletidas em sua última proposta de pesquisa envolvendo arquitetura e urbanismo, paisagismo, biologia, antropologia, engenharia, entre outras áreas, no estudo da bacia do Alto Tietê.

Jorge sempre acreditou na potencialização dos resultados do trabalho coletivo, nas representações democráticas; não foi por acaso que formou e participou de muitos grupos de estudo e pesquisa. Professor militante – fazia do ensino uma missão – desenvolveu uma atividade intensa e instigante com seus alunos em cursos, grupos de estudo, como orientador, e em bancas examinadoras. O desenvolvimento de seu trabalho teve sempre muitos interlocutores e muitas interfaces, passando, obrigatoriamente, pelo coletivo e pela busca da superação do parcelar; e foi assim que todos nós o conhecemos. Representou a FAU em congressos e na ADUSP, atuou em todos os órgãos colegiados, em assembleias, assim como em articulações que criaram diferentes associações, como a Anpur e a Antac, tendo sido também um dos fundadores do Núcleo de Apoio à Pesquisa: Produção e Linguagem do Ambiente Construído, criado na FAU no início da década de 1990 e coordenador a partir de 2002.

O traço muito singular do Jorge, de misturar as instâncias que, normalmente, são separadas, permitia que a cumplicidade da linguagem cifrada dos diferentes grupos os quais frequentava forjassem, em sua mente criativa e solta, uma língua associativa, tanto em significado como em sons, cômica, perto do incompreensível, um *cockney* caipira praticado cotidianamente, que, misturando conceitos, banalidades e intuições, era uma receita certa de humor.

Vou sentir muita falta desse amigo querido, com quem tanto troquei e tanto me fez rir.

**Yvonne Mautner**



Amélia Damiani



Amélia Damiani



Tais Isukumo



Yvonne Mautner



Csaba Deák



## CONVERSANDO COM JORGE, UM DEPOIMENTO

Parece ter sido uma única longa conversa com muitos intervalos, interminável, mas continuava como se nunca houvesse sido interrompida.

Conheci o Jorge no que chamávamos de “seminário das quintas”, reunião realizada nas noites de quinta-feira no Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAUUSP, um grupo heterogêneo de arquitetos, engenheiros, sociólogos... tínhamos muito para conversar!

Nessa época, Jorge e eu iniciávamos o mestrado. Essa condição e o interesse em conhecer o desenvolvimento da indústria da construção aproximou-nos. Se a conversa girava em termos do “atraso” da construção, era mais no sentido de conhecer as forças dessa atividade, as quais, liberadas, caminhassem para um outro futuro, era como buscar o elo mais fraco de uma cadeia que constrangia o urbano e, particularmente, a construção das cidades, e, rompido, revelaria suas potencialidades.

Nesse grupo, nem todos estavam inseridos na universidade, alguns eram do planejamento ou administração pública; enfim, formações e profissões diversas que enriqueciam essa experiência marcada pelo interesse de compreender o urbano, o Estado, os movimentos sociais.

Nele foi cunhada a idéia de *espoliação* como algo diferente da exploração. A *espoliação* seria *urbana*, quando relacionada ao consumo do espaço, mas seria adjetivada de *imobiliária* se relacionada à sua produção. Essa idéia parece ter sido uma resposta às preocupações típicas dos meados dos anos 70, buscando entender o que acontecia na cidade de São Paulo em relação aos movimentos sociais, ao crescimento urbano e problemas os quais não podiam continuar sendo reduzidos à noção de exploração do trabalho industrial. Estava claro: a indústria produzia a riqueza e também a pobreza na cidade de São Paulo, mas isso por diferentes formas que precisavam ser compreendidas em suas especificidades na reprodução social e não como apenas manifestações típicas do subdesenvolvimento. A construção não era indústria atrasada, se considerada em suas particularidades (características não-fábricas, imobiliárias, etc.), e era um equívoco avaliar o desenvolvimento dessa atividade como típica condição de atraso econômico ou resultado de um específico bloqueio setorial. Jorge era sensível a essas nuances.

Líamos Lojkine, Topalov... a sociologia urbana francesa. O objetivo era avaliar essa contribuição para o conhecimento da cidade e, a partir dela, avançar o conhecimento sobre o urbano e a industrialização na cidade de São Paulo. Mas, vale lembrar o esquecido Riboulet e o antigo Ascher que animaram muitas conversas.

Havia uma preocupação com a cidade, a habitação e seus problemas, mas também com a arquitetura. E Jorge estava entre os que mantinham viva essa preocupação; lembro-me de seu seminário, creio que pioneiro, sobre como eram construídos os *shoppings*. Apesar do interesse comum sobre a produção do espaço no grupo, foram forjadas diferentes cunhas para o conhecimento da construção da cidade em São Paulo. Esse leque de perspectivas pode ser evidenciado pela polaridade que vai dos empreendimentos de edifícios em áreas centrais (a verticalidade) às construções realizadas pelo próprio morador-trabalhador, correspondendo a uma diversidade imanente da própria construção do urbano.

Esse diapasão envolve método, e Jorge soube, atentamente, trilhar caminhos que não fragmentassem o conhecimento sobre a cidade, buscando não cultivar uma crítica parcial e redutora, dedicando seu vivo pensamento ao estudo da tensão entre arquitetura e construção. Revelou como a desigual produção da cidade produz diferenças e desigualdades que estilhaçam a arquitetura, envilecendo as construções. Dissertou com brilhantismo, mostrando que essa maneira desigual de construir, embora diversificasse a cidade, não poderia fragmentar o pensamento sobre ela ou negar a arquitetura. Discutiu a “invisibilidade” do trabalho, da construção e nomeou seu mestrado com o significativo título *Arquitetura em construção*. Li e surpreendi-me porque era uma demonstração de o Jorge ter considerado como superada a maioria das questões da época; caberia, então, constituí-las em sua forma nova. Por isso, lamento que até hoje não tenha sido publicado e sua leitura não tenha conquistado os que amam a cidade e querem, juntos, realizar sua construção. Imagino que, para ele, a habitação e o urbano já não eram as verdadeiras questões que enervavam a arquitetura.

A “invisibilidade” do trabalho e da construção era o busílis! Não havia um extremo, um pólo a afirmar ou a assegurar, mas se tratava de uma relação a ser construída. A construção, em sua relação com a arquitetura, emergia como uma questão ausente, mas sempre presente. O novo era refletir sobre essa tensão como feixe de relações e não de coisas. Assim, Jorge encaminhou sua busca por seus trabalhos realizados e no que estava planejando realizar.

Depois de sua vinda de Portugal, queria entregar, como tese, o que, disse-me, seria uma contribuição à crítica da produção da arquitetura. Disse mais: arquitetura não existe sem construção (seria metafísica), mas a construção não se confunde com arquitetura (seria puro positivismo). Penso que conseguiria consolidar essa travessia, porque sempre evitava se colocar na redução por polaridades simplistas, e soube avançar construindo um caminho próprio, tencionando dialeticamente arquitetura e construção.

Vinha com novas leituras e tinha estudado com profundidade Henri Lefebvre. Manteve e renovou seu interesse pela arquitetura, tornando sua crítica cada vez mais clara e reforçando, ainda mais, a necessidade de compreender-se sua produção, a da cidade e a do urbano, a partir de uma visão dialética da natureza. Compreendia o espaço social constituído em sua materialidade, em sua dimensão histórica da consciência sobre ela e do que essa historicidade da natureza significa para a vida social. A produção da cidade e o pensamento sobre a cidade se entrevêm.

E Jorge, pensando a vida e como era por ele vivida, natureza construída socialmente, dedicou-se ao ensino e estimulou estudantes a desenvolverem a crítica e as possibilidades da arquitetura. Eu conversava e aprendia, acompanhando sua experiência em que viver o ensino da arquitetura não poderia ser um embate redutor, desalentador do aprendizado e da própria pesquisa sobre arquitetura; porque é necessário desenvolver os conflitos e refletir sobre o que eles, dialeticamente, revelam de proximidades, distâncias e nuances. Perceber não para impugnar, menos ainda para permanecer ambíguo, mas combater o bom combate para encontrar a superação. Assim, Jorge, com seus caminhos e sonhos, surpreendeu-me sempre! Inclusive, por sua repentina ascensão.

**Paulo César Xavier Pereira**



José Paulo Gouvêa



Francisco Barros



Francisco Barros

## JORGE OSEKI, SAUDADES

Todos os que conviveram com Jorge Oseki sabem do que falo quando digo que os momentos com ele eram de muito prazer, um verdadeiro privilégio. Talvez devido ao seu humor irreverente e sua aguda inteligência. Nada passava sem seu comentário cortante e divertido. O que para muitos poderia ser motivo de sofrimento ou lamentação, especialmente as injustiças sociais ou as pequenas e grandes tragédias decorrentes da condição humana – “insustentável leveza do ser” – para Jorge era motivo de reflexão irônica. Dessa forma, ele trazia a filosofia para o cotidiano e para as coisas aparentemente simples. Detalhes ganhavam uma importância incrível.

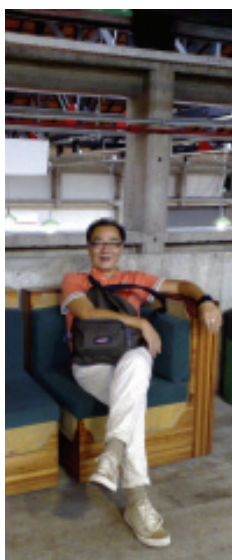
Jorge tinha, talvez mais do que o normal, uma necessidade de ser querido e elogiado. Mas como toda pessoa complexa, não se subordinava para conseguir isso. Ao contrário. Escolhia com quem queria dividir um clima de rara cumplicidade que, somente ele, com seu poder de sedução e charme, conseguia construir.

Fizemos poucas coisas juntos na FAU, mas todas inesquecíveis (assim como foram inesquecíveis os diversos períodos de férias passadas em Paraty). A que mais fortemente me vem à memória foi o curso de EPB – Estudos de Problemas Brasileiros. Essa disciplina foi criada pela ditadura militar brasileira para incutir valores cívicos nos estudantes universitários, outrora tão rebeldes. Ela era obrigatória no curso de graduação. Tivemos um prazer incrível em usar a mesma disciplina por seu avesso, isto é, discutimos os problemas brasileiros – a reforma agrária, a reforma urbana, a questão racial, a desigualdade social e territorial, a teologia da libertação, entre outros temas – de forma que poderia ser considerada “subversiva”. O curso fez um grande sucesso entre os alunos, estendia-se durante a hora do almoço e começou a atrapalhar os cursos do período da tarde, o que chamou a atenção e trouxe-nos alguns problemas.

Em outra ocasião (1985) formamos um time de primeira para apresentar ao BNH uma pesquisa sobre a produção do espaço habitacional. Havíamos feito, a pedido da ANPUR, um levantamento sobre o estado da arte da pesquisa sobre tecnologia da construção de habitação, e surgiu a idéia de ampliar essa pesquisa. Do projeto apresentado ao BNH faziam parte: eu, como coordenadora, o Jorge Oseki, o Paulo César Xavier Pereira, a Yvonne Mautner, o Nilton Santos e a Suzana Pasternak. Partíamos da concepção que não havia rupturas entre as formas de provisão formais – mercado imobiliário e promoção pública – e as informais. Tratava-se de construir uma matriz holística com as diversas formas de provisão, desde o grande capital imobiliário até o barraco construído com descartes, identificando promoção, financiamento, construção, processo de trabalho no canteiro, etc. Infelizmente o BNH foi fechado quando discutíamos com o órgão o financiamento à pesquisa.

Jorge se foi em um momento muito especial: tinha todo o carinho, respeito e admiração de um grande número de alunos que compunham seu grupo de estudos. Isso deixaria qualquer professor feliz, mas, especialmente ele, estava esbanjando felicidade. Nós é que ficamos tristes.

**Ermínia Maricato**



Isabel Raposo

## UM ENCONTRO ADIADO

Laços de amizade entre famílias, anteriores à FAU, ligavam-me a Jorge Oseki. Não nos freqüentávamos, então. Só nos víamos em eventos relativos à cultura dos japoneses e de seus descendentes no Brasil. Nessas ocasiões comecei a conhecer seu jeito de enxergar o mundo, de comentar os fatos, dos mais graves aos mais banais; a apreciar seus conhecimentos, seus sentimentos e valores humanos; a deliciar-me com suas tiradas ao mesmo tempo cortantes e amorosas, embebidas em humor que não buscava ser engraçado, mas que não podia deixar de sê-lo.

Todas essas características me faziam admirá-lo e deixavam-me à vontade diante dele (quem não ficava?): acolhia sem ser protetor; era forte sem exhibir força; sensível sem ser frágil; denso, mas não pesado; leve, mas não frívolo.

Quando entrei na FAU, como docente, recebeu-me sem cerimônias e sem reservas; orientou-me no dia-a-dia e no quem-é-quem da “máquina”. Logo me encaminhou para substituí-lo (tarefa impossível) como representante da FAU na Associação dos Docentes da USP, o que, mal e mal, cumpri durante um ou dois anos. Como estar à altura de seu jeito, de seu conhecimento, de seu envolvimento?

Jorge era “engajado” por inteiro – politicamente, intelectualmente, no modo de viver – sem ser chato ou pernóstico. Tinha convicções firmes, mas era crítico ao extremo, jamais dogmático, ou paroquial. O seu crivo, inteligente, mordaz e divertido, era usado tanto para os “companheiros” (parece que o ouço pronunciar essa palavra) como para os demais.

Graças à sua sábia opção por não ter automóvel, fui contemplado, muitas vezes, com a oportunidade de dar-lhe carona até a casa da rua dos Heliotropos. As resenhas que ele então fazia, sobre tudo e sobre todos, encurtavam o tempo e a distância da viagem.

Ao ser criada a Área de Concentração Paisagem e Ambiente, na pós-graduação, não hesitou em emprestar seu prestígio intelectual e dar sua contribuição efetiva à área recém-formada e ainda carente (creio expressar a avaliação de todos os colegas paisagistas da FAU).

Estes parágrafos, que se sucedem sem qualquer ordem e que poderiam se estender ao limite da memória, são apenas uma tentativa de registrar alguns dos vários modos e motivos pelos quais Jorge é querido e lembrado, desde seus feitos como intelectual, como professor, como cidadão, até os afetos que despertou.

Nosso último contato resumiu-se a um aceno, atrás das vidraças das salas dos laboratórios, e àquele gesto protelatório das mãos dizendo que nos falaríamos mais tarde... Ficamos todos na espera.

**Vladimir Bartalini**



Yvonne Mautner



Guilherme Petrella

## RÉQUIEM PARA JORGE HAJIME OSEKI

Poucos circularam tão elegantemente como Jorge, entre a cientificidade de Karl e o humor dos irmãos da família Marx.

Como são os olhos? Como são os ouvidos, as narinas, os lábios, o tato e o sexo?  
Como é a “vida”, nessa “simetria” em que você agora se encontra, Jorge?

O *Jó* dos familiares, o *Jorge* dos alunos e amigos, o *Oseki* das referências, não cabe todo aqui com seu espírito infinito impregnado por nós, e impregnado em nós, indelével e suavemente.

Jorge opinava sobre tudo, tinha cultura, autoridade e intimidade suficientes para isso, e um bom teste de qualidade das coisas que fazíamos era mostrá-las a ele, que as demolia delicadamente... mas ao começar a discussão, ele vestia a roupa de operário e começava, calmo, a ajudar-nos na reconstrução...

Carregava uma timidez aparente debaixo de um olhar planetário de coruja atenta e nada ao Jorge escapava despercebido, coisa que ficava clara quando nos falava do que pensava.

Ele gostava de ser tio e de ser sobrinho, e, com essa intimidade familiar, Jorge tratava também seus ambientes de trabalho, levando para eles uma poderosa informalidade familiar de construções sólidas.

Toda casa é um museu pessoal, cuja riqueza caótica pode estar sobre as mesas, exposta desavergonhadamente, ou prudentemente escondida dentro dos armários.  
Eu gostava da casa de Jorge, o misto desses dois arranjos que era ele...

Jorge se envolvia em tudo, com um pouco de pudor, mas se envolvia. Manifestava sua opinião, quase sempre precisa, sobre tudo o que passava à sua volta, fossem paisagens, arquiteturas, livros, objetos, idéias, gentes, e, sobretudo, se fossem preconceitos e falta de compromisso com a liberdade e a verdade.

Uma vez Jorge me disse que gostaria de ter uma piscina no quintal de sua casa. E a casa de convívio familiar, que já era estúdio acadêmico, seria também um lugar de lazer, uma casa completa.

Ele circulava com naturalidade no meio da ambigüidade da vida que, agora, Jorge conhece de ponta a ponta. Ele sabia da arte de viver no meio das contradições. Sabia fazer a paz na guerra e vice-versa.

Jorge era inteligente, divertido, curioso e atrevido. Não fosse a seriedade com a qual foi educado, teríamos encontrado, no meio de suas teses acadêmicas, seus manuais de etiqueta, humor, moda, arte, erotismo e gastronomia.

Todos os átomos que compõem nossa matéria viva têm a mesma idade bilionária do cosmo, para aonde eles voltam, e assim foi com Jorge.

A existência de Jorge agora flutua em trilhões de partículas e grudando nas paredes dos edifícios, nos objetos do cotidiano, na paisagem da cidade de São Paulo, e, em especial, em sua FAU, aprendida e ensinada por ele.

Quem passear por Paris, Lisboa, Aix-en-Provence, Rio, São Paulo e Uberaba, encontrará a memória de Jorge pelas ruas, praças, cinemas, teatros, lojas, livrarias, bares, bibliotecas, restaurantes, parques e museus, e, com um pouco mais de atenção, crítica, gentileza, precisão e originalidade, fará isso com o olhar de Jorge.

A vida, em seus tempos, foi retirando, de Jorge, primeiro o pai e, depois, a mãe. A mesma vida que agora, em um só tempo, reúne-os sob o manto dos jardins sem nos desvendar sua beleza e mistério.

Creio que Jorge não chegou a confessar, mas ele sabia do segredo da “fonte da juventude”, na qual é possível nunca envelhecer, pois o cenário é sempre da juventude jorrando dessa fonte inesgotável que é a sala de aula.

Aprendemos isso juntos, todos nós e o Jorge: toda aula é uma criação, e, mesmo repetida, nunca seria igual à anterior. Aqui foi o nosso palco de ação social da docência iniciada no meio dos anos 70, embalados pelos alegres anos 60.

Não vou apagar o nome do Jorge do material didático das disciplinas montadas e tocadas juntos durante 30 anos. O nome dele ficará *in memoriam*, reafirmando que o Jorge continua aqui sólida, permanente e silenciosamente.

Toda autoridade não-solidária é desumana. Muitos de nós, e o Jorge também, aprendemos isso com nossos melhores professores, que agora seguíamos religiosamente em nossas salas de aula.

Tenha bons amigos, seja um bom amigo,  
os amigos são uma escolha.

**Khaled Ghoubar**

## MEU AMIGO JORGE

Como escrever sobre um amigo o qual não queríamos que tivesse ido? Como descrever a intensidade da relação pessoal em uma impessoal folha de papel, mesmo para uma tão justa homenagem?

Não há palavras para dizer da grandeza e da sensibilidade do coração do Jorge. Um coração que não cansava de emocionar-se, a cada instante, com o mais simples e pequeno detalhe da vida, com um sorriso recebido, com uma palavra bem falada, com uma lembrança bem lembrada.

Um coração em permanente observação, das coisas, das pessoas, para entender seu sentido. Jorge era provocador, incisivo às vezes, mas sempre alegre, carinhoso, atento e crítico. Jorge via, nas relações humanas, a razão da vida e, não à toa, estava entusiasmado em trilhar, na livre-docência, a compreensão do corpo, como a essência explicativa da natureza ou do que fazemos dela.

Mas seu coração também sofria, por coisas tão simples, desimportantes para a maioria cujo dia-a-dia impessoal subestima as relações humanas. É por isso que Jorge era intenso, com tudo e com todos. Mais do que tudo, vivia a FAU intensamente, mesmo às vezes ela não merecendo. Fez dela sua vida, pois era um intelectual, um pesquisador, um professor.

Por isso mesmo era tão forte sua relação com seus alunos. Uma relação de respeito, de permanente atenção, de grande carinho. Foi como o conheci, como seu aluno. Deixou-nos todos órfãos. Paulo Freire dizia ser falsa a necessidade de uma separação radical entre seriedade docente e afetividade. Dizia que ensinar exige querer bem aos educandos. Jorge era um educador, um grande educador.

E, antes que me esqueça, o mais importante: Jorge, sem nenhum antagonismo, era católico, marxista, lefebvriano e ambientalista e, em tempos em que isso pode parecer ter perdido o sentido, um pensador de esquerda. Que falta, Jorge, meu amigo, você nos fará!

**João Sette Whitaker Ferreira**



Roberta Rodrigues